

UMA INTRÉPIDA VIAJANTE

Célia Siqueira FARJALLAT

As mulheres dos tempos antigos não viajavam como os homens. Enquanto eles percorriam países exóticos e mares nunca dantes navegados, elas, presas aos trabalhos domésticos, fiavam, teciam e cuidavam dos filhos. Por isso, não são muitos os relatos de viagens femininas. Mas, assim como os ingleses foram grandes viajantes, as inglesas foram as primeiras que conseguiram quebrar os liames que as prendiam à roca e ao fuso.

Comprovando isso, Afonso de Taunay registra as **Memórias** da famosa Lady Esther Stanhope. Em nossas terras, a mais antiga viajante foi Mrs. Kindersley, que esteve na Bahia por volta de 1764, deixando suas impressões em duas das 77 cartas que escreveu, relativas à Índia. Depois, a infatigável Maria Graham, que viveu algum tempo no Brasil, na época da Independência e do Primeiro Império.

Mas nenhuma delas viveu as aventuras rocambolescas de Ida Pfeiffer, a primeira circunavegador de que se tem notícia. Ida, a única mulher entre seus sete irmãos, foi diferente. Esportista, casou-se com um certo doutor Pfeiffer, viúvo e muito mais velho do que ela, e até os 45 anos viveu como simples dona de casa. Foi quando resolveu viver o sonho de sua juventude. Vencendo preconceitos, parte sozinha, Danúbio abaixo, navega para Constantinopla, atravessa a Palestina e o Egito e volta triunfante.

Escreve suas impressões e põe-se a estudar inglês e dinamarquês. Um ano depois, começa nova viagem, agora para a Alemanha, países escandinavos até a Islândia. Resolve fazer a primeira viagem ao redor do mundo, hoje tão comum, mas difícilíssima em seu tempo. E parte em um veleiro, e, após 79 dias, chega ao Brasil. A viajante entusiasmou-se com a Baía da Guanabara, mas detestou o clima quente e úmido do verão carioca. Conheceu alguns austríacos; fez excursões com eles e até um curioso piquenique. Com exagero, referiu-se aos “castelos” da família real, na verdade modestíssimos; descreveu a Quinta do Boa Vista, o Jardim Imperial,

a Praia do Flamengo. Anotou os flagelos: formigas, baratas e outros insetos; queixou-se do calor e da falta de conforto, da má alimentação, do leite aguado.

Reparou na pobreza geral e nos horrores da escravidão. A moral do povo não a satisfez e atribuiu o fato à escravidão. Notou como eram todos religiosos e falou das novenas, das procissões e das festas de igreja.

Redigiu uma série de conselhos aos seus compatriotas, alertando-os contra as quimeras do Novo Mundo.

As informações históricas e geográficas de Ida Pfeiffer são estapafúrdias. Ele estropiava também, de modo muito engraçado, os nomes de acidentes geográficos e até de unidades monetárias, chamando de "21" ao inocente vintém.

Aquela viajante austríaca, enérgica, corajosa, independente, foi, sem dúvida, a precursora das milhares de viajantes de nossos tempos.

("Correio Popular", Campinas 13-6-1993)